

ESPORTE E DIREITO À CIDADE: O CAUSO DA PRAÇA DE ESPORTES DE MONTES CLAROS/MG

SPORT AND THE RIGHT TO THE CITY: THE CASE OF THE MONTES CLAROS/MG SPORTS SQUARE

FREITAS, Alex Sander¹

DEUSDARÁ, Fernando Ferreira²

FREITAS, Andréia Luciana Ribeiro de³

RESUMO

O presente estudo propõe reflexões acerca do uso e apropriação pela população da Praça de Esportes de Montes Claros/MG, buscamos entender as modificações ocorridas ao longo do tempo. Para atender aos objetivos da pesquisa utilizamos a perspectiva de direito à cidade para analisar as fontes jornalísticas e entrevistas realizadas com ex-atletas, professores e treinadores esportivos. O caso da Praça de Esportes de Montes Claros-MG emerge do aparente apagamento ou sumiço das práticas esportivas e uso do espaço pela população. A perspectiva dos cidadãos é que a Praça de Esporte diminuiu, significativamente, sua relevância de outrora, quanto a prática esportiva, formação de atletas e na disponibilidade do uso do espaço para atividades voltadas a população montes-clarenses.

Palavras-Chave: História do Esporte; Direito à cidade; Práticas Esportivas.

ABSTRACT

The present study proposes reflections on the use and appropriation by the population of the Praça de Esportes in Montes Claros-MG, we seek to understand the changes that have occurred over time. To meet the research objectives, we used the perspective of the right to the city to analyze journalistic sources and interviews with former athletes, teachers and sports coaches. The case of the Sports Square in Montes Claros-MG emerges from the apparent erasure or disappearance of sports practices and use of space by the population. The perspective of townsfolk is that the Sports Square has significantly diminished its former relevance, in terms of sports practice, athlete training and the availability of space use for activities aimed at the Montes Claros population.

Keywords: History of Sport; Right to the city; Sports Practices.

INTRODUÇÃO

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983; 1990) define o esporte como um espaço estrutural de práticas sociais, chamado de campo, onde as posições dos agentes sociais são estabelecidas a partir da concorrência e da disputa por objetos e elementos de distinção. Neste campo, a mercantilização interfere na definição dos capitais atribuídos a determinadas práticas. Assim, definem-se as rela-

ções entre a oferta e a demanda dos esportes. O esporte, como uma instituição de poder, tem a capacidade de refletir os fenômenos econômicos e industriais da sociedade, absorvendo aspectos organizacionais e de estrutura social. Desta forma, o esporte resulta na acumulação de valores e ideais transitórios delineados pelo contexto social em que está submetido.

A inquietação que deu origem a esta pesquisa emerge do aparente desconforto dos habitantes de Montes Claros, com relação a ideia de

1 Doutor em Ciências da Saúde pela Unimontes. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Unimontes. Montes Claros/MG.

2 Especialista em Educação Física pela UFMG. Docente do Departamento de Educação Física e do Desporto da Unimontes. Montes Claros/MG.

3 Mestre em História pela Unimontes. Docente da Rede Pública Estadual de Educação Básica. Montes Claros/MG.

que, o esporte na referida cidade foi apagado ou melhor invisibilizado, essa perspectiva justifica-se, pois, o local considerado por muitos, símbolo de práticas esportivas, formação de atletas e equipes esportivas não tem a mesma relevância. O referido local é a Praça de Esportes de Montes Claros que, desde sua inauguração, ocorrida na década de 1940, foi utilizada como espaço de disseminação das modalidades esportivas, atividades de lazer, formação de atletas e promoção de eventos. Atualmente, a Praça de Esportes, apresenta estrutura física e organizacional diferente de outros tempos. Parte dessas conclusões foram feitas com base em entrevistas realizadas com esportistas, ex-atletas e pessoas que fizeram parte do cenário esportivos de Montes Claros, como professores de Educação Física, treinadores, praticantes de várias modalidades como: Karatê, handebol, futebol de campo, voleibol, natação, ciclismo entre outras. Além disto, utilizamos como referências textos da escritora e memorialista montes-clarense Ruth Tupinambá Graça e notícias de jornais.

Assim, refletimos acerca da utilização e ocupação da Praça de Esportes de Montes Claros, cidade localizada no norte do estado de Minas Gerais. Procuramos entender como as modificações realizadas no espaço pelo poder público causou insatisfação na população e invisibilização do esporte nesta referida cidade. Para atender aos objetivos da pesquisa utilizamos uma reflexão a partir do direito à cidade construindo um diálogo com os autores: Henri Lefebvre, David Harvey, Michel Argie. O termo “direito à cidade” foi cunhado pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, em sua obra publicada em 1968 “O Direito à Cidade”, na qual reflete sobre a problemática urbana a partir da consolidação do modo de produção capitalista e da industrialização, característica da sociedade moderna e motor de suas transformações (LEFEBRE, 2001).

MÉTODOS

O presente trabalho buscou a partir de uma perspectiva histórica, analisar a utilização e apropriação da Praça de Esporte na cidade de Montes Claros, propondo uma comparação entre um período de efervescência esportivas situado na década de 1980 e uma aparente estagnação e invisibilização das práticas esportivas no final da

década de 2010. Para responder aos objetivos propostos na pesquisa, o *corpus* documental foi composto de dois conjuntos de fontes: fontes jornalísticas e fonte orais.

O documento deve ser tratado, em sua materialidade, não como reflexo do acontecimento do passado em sua totalidade, mas como prática discursiva que produz objetos históricos (FOUCAULT, 2014). Os jornais integram a vida cotidiana das pessoas, o que permite, ao (à) pesquisador(a), captar as práticas sociais, os costumes e o folclore da sociedade, além dos interesses de determinados grupos (CAPELATO, 1998). Ao partir desse pressuposto, para compor o primeiro conjunto de fontes do *corpus* documental desta pesquisa, utilizamos, reportagens veiculadas no *Jornal de Montes Claros* (JMC) no início da década de 1980. O segundo conjunto de fontes para *corpus* documental da pesquisa, foram as fontes orais. O método de História Oral foi utilizado com o intuito de entender as informações contidas nas fontes impressas, além de construir uma perspectiva do universo esportivo da cidade de Montes Claros.

As entrevistas foram realizadas para o projeto, intitulado: “Esporte e Educação Física em Montes Claros/MG: uma proposta de registro de narrativas orais de mulheres e homens”. Realizada pelo Grupo de Estudo em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF), juntamente com o Centro de Memória do Esporte (CEMESP), ambos da UNIMONTES, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIMONTES e aprovado pelo parecer consubstanciado número: 4839035, de 09 de julho de 2021.

A construção de fontes utilizando a história oral permite a imersão no universo e no período estudado, por meio das vivências das entrevistadas. “A História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, desta forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2008, p. 155). Com o intuito de atender as necessidades da pesquisa, optamos por utilizar a História oral temática, tendo, como base, a perspectiva de José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro, na obra “*Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias*”, publicado em 2011. “A História oral temática é quase sempre, usada como técnica, pois, articula, na maioria das vezes, um diálogo com outros documentos” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.88).

A análise e interpretação, tanto das fontes escritas oriundas da página esportiva do JMC, quanto das narrativas orais transcritas, foram feitas a partir de um diálogo epistemológico entre a teoria do direito à cidade de Henry Lefebvre, David Harvey, Michel Argie, além das ideias de Michel de Certeau para os usos dos espaços no cotidiano.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Praça como Espaço de emergência do esporte

Em 1941 a Praça de Esportes surgiu bela e majestosa, conquistando todos os corações. Este acontecimento que marcou a época em nossa cidade, não surgiu facilmente, como um passe de mágica. Nem todos sabem o que foi outrora o local onde ela se localiza hoje. Era uma várzea, servindo de logradouro público e, na época de chuvas, ela se transformava num verdadeiro pantanal. Em 15 de março de 1939 foi lançada a sua pedra fundamental, começando imediatamente a drenagem daquele famoso pântano. Dois anos mais tarde, 1941, estava pronta a tão sonhada Praça de Esportes, com Quadras de tênis, vôlei, piscina, etc. Fazendo muita questão da estética e beleza, trouxe de Belo Horizonte plantas variadas e um jardineiro especializado para cuidar do jardim e também treinar os jardineiros da prefeitura, que desconheciam as técnicas de jardinagem. Nossa praça ficou um luxo! (GRAÇA, 2008).

O trecho acima é do texto de Ruth Tupinambá Graça (2008), intitulado “*Retrato da Praça de Esportes*”, demonstra como a construção desta praça foi símbolo de modernidade e desenvolvimento da estrutura urbana da cidade. Com passar das décadas, a praça abrigou vários momentos de efervescência esportiva, dentre os quais podemos citar desde: as moças com seus movimentos nas quadras de voleibol da década de 1920 (PAULA, 1957).

O voleibol foi um esporte altamente incentivado e praticado pelas mulheres, principalmente a partir dos anos 1930. Voleibol, como era conhecido, incorporou-se ao espaço escolar, alinhado ao discurso médico vigente nesse período que, em nome da fragilidade e especificidades do corpo feminino, cerceava a participação das mulheres em diversas práticas esportivas (GOELLNER, 2006, p. 163).

As corridas de pequenas distâncias, que depois vieram a se tornar as marato-

nas de aniversário da cidade; as ginásticas das senhoras da sociedade e das moças nos grupos escolares na década 1930; as demonstrações de natação, da década de 1940, que depois se tornaram treinos e revelaram atletas e de ambos os sexos; voleibol feminino, que desbravou a capital na década de 1950; além do basquete, do handebol e do atletismo, que foram sendo incluídos em um processo de mudança dos hábitos sociais, inerentes àquele contexto esportivo de caráter higiênico e eugênico (DURÃES, 2011; ALVES, 2018).

No Brasil, a partir de 1930, a chamada “Era Vargas” (período de 1930-1945) se inicia como um processo de transição de um modelo agrário-escravista para o urbano-industrial no país. Vale ressaltar que esse processo de urbanização ocorreu em velocidade e amplitude diferentes nas regiões mais distantes das capitais. Este processo de transição exigiu modificações em toda a estrutura social, envolvendo o setor econômico, sanitário, educacional e trabalhista, ao evidenciar mudanças, principalmente nas áreas de trabalho e saúde (SILVA, 2018). Aliada à expectativa do crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao desenvolvimento e fortalecimento da nação, desenhando outro estilo de vida: pública, coletiva, na qual a oferta de diversão abraça homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades. O esporte moderno seria uma maneira da sociedade revelar meios compensatórios de alívio as tensões provenientes do autocontrole das emoções do cotidiano (ELIAS, 1992).

O Estado Novo instituído desdobra-se em estabelecer metas e ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o Esporte como mecanismos para uma educação do cidadão, voltada à construção de um corpo saudável, apto e dotado de capacidades físicas que permitissem suportar as exigências da sociedade moderna (GOELLNER, 2003), momento no qual o governo de Vargas volta seus esforços para colocar o Brasil em um contexto mundial de industrialização e modernidade. Desta forma, esforços são feitos na divulgação e disseminação do ideal de corpo do “homem novo”, moderno, cuja as características são: corpo saudável, higiênico, forte e capaz. Passa-se a necessitar de professores de Educação Física para trabalhar em prol desses objetivos, criando, então: o Mi-

nistério dos Negócios, da Educação e da Saúde (1931), a Escola de Educação Física do Exército (1933), a Divisão da Educação Física do Desporto Nacional de Educação (1937), a Escola Nacional de Educação Física e do Desporto (1939) e o Conselho Nacional do Desporto (1941) (GOELLNER, 2003; SILVA, 2018).

Os fundamentos teóricos da Educação Física e Esportes são utilizados como base para divulgação e mecanismo disciplinador para formação da juventude e na preparação de homens e mulheres para o enfrentamento dos obstáculos inerentes à vida cotidiana, urbana e moderna.

O cenário esportivo da cidade de Montes Claros, no período entre o final da década de 1970 a 1980, é marcado por ações de reestruturação e resgate das práticas esportivas e corporais no cotidiano da população. Naquele momento, na cidade de Montes Claros, havia um número significativo de indústrias e as instituições de comércio passavam por uma reformulação no plano diretor. Tanto o poder público, as instituições privadas e a população em geral viam, na disseminação das práticas esportivas, um bem resultado do progresso do município. No entanto, devemos salientar que o objetivo era manter a população em condições físicas para exercer qualquer tipo de trabalho, e o esporte servia a este propósito da modernização dos espaços e de seus moradores (SILVA, 2008; PEREIRA; LOPES, 2014).

Além disso, identifica-se uma nova perspectiva sobre a utilização do tempo livre, devido a uma soma de fatores que vão desde a atuação do poder público e de instituições privadas (principalmente, do comércio e da indústria) na promoção de eventos esportivos, até a construção de espaços para práticas esportivas e corporais, bem como a chegada de um número significativo de professores graduados em Educação Física na cidade (FREITAS, 2022).

O esporte, em Montes Claros, ganha um sentido de retomada, “uma vontade de dar a cidade novamente suas equipes esportivas de ponta” (ATENAS, 2021). Atenas foi o pseudônimo escolhido para identificar a entrevistada que não quis que fosse utilizado seu nome oficial. Atenas foi atleta de nível estudantil, técnica e professora de Educação Física em Montes Claros desde o final da década de 1970.

A professora Atenas deixa transparecer que o esporte tinha um papel relevante na vida da sociedade montes-clarense. Fato constatado mediante a presença do esporte, seja em for-

mas de atração ou como competição, nos eventos festivos da cidade de Montes Claros, desde as primeiras décadas do século XX. A Praça de Esportes de Montes Claros, aparece como um espaço localizado no centro da cidade, que proporcionava para as diferentes classes sociais acesso as práticas esportivas orientadas e planejadas. Além de “ser” ou “ter sido” celeiro de atletas e equipes esportivas consagrados em nível regional, nacional e internacional.

Desconstrução da Praça: um processo de invisibilização das práticas esportivas

A nossa cidade foi crescendo, surgindo novos clubes sociais e a Praça de Esportes foi ficando no escanteio. Até a sede oficial foi demolida, nem sei mesmo por que. Coisas que só em Montes Claros acontecem...

Hoje ela está mais velha e triste. O seu jardim, antes tão bonito, perdeu aquele colorido e as “bougainvilles” que formavam uma cerca em sua volta, numa festa de cores, vão desaparecendo, pouco a pouco. Árvores enormes tomaram conta, quebrando sua estética. Tornou-se cada vez mais isolada, com ausência dos namorados, dançarinos e atletas da terra. Dês prezaram-na. Esqueceram-se dos 57 anos de benefícios prestados à nossa comunidade. Nossa Praça de Esportes está morrendo... É triste constatar o desprezo da administração pública! (GRAÇA, 2008)

O trecho acima, é uma tentativa da escritora e memorialista Graça (2008) em retratar a indignação de pelo menos parte da população de Montes Claros, quanto ao descaso com a manutenção e administração da Praça de Esportes. O problema se agravou a partir da década de 1990, quando a Praça parece ter sido esquecida pelo poder público. Sem investimentos e manutenção tornando-se um espectro do que antes representava. O golpe fatal veio com a construção de um muro ao redor de toda a sua extensão. Tal iniciativa provocou na Praça de Esportes uma invisibilização dos seus usos e seus significados, como espaço do esporte e do lazer da cidade, principalmente, para população mais carente.

Em reportagem do jornal, O Norte, intitulada: “*População expulsa da Praça de Esportes: Sequência de decisões sem consulta a população causa revolta em Montes Claros*”, a notícia da decisão da construção de um muro ao redor da Praça de Esportes causou incomodo na população.

A decisão da Prefeitura de Montes Claros revoltou a população, que cobra a revitalização do espaço para que ele possa ser utilizado, não que seja erguido mais um instrumento de exclusão. Sem manutenção adequada, a praça está fechada à comunidade há bastante tempo. Antes utilizado para realização de projetos sociais e esportivos, o local está deteriorado. As quadras estão destruídas, entulho espalhado, principalmente ao lado das piscinas e do campo de futebol (O NORTE, 24 de ago. 2018).

Segundo Henry Lefebvre (2001), o desenvolvimento de uma sociedade só pode ser concebido, dentro de uma estratégia voltada para as necessidades sociais, para as necessidades humanas e antropológicas. O espaço das atividades cotidianas dos usuários é vivido, concreto e subjetivo e não representado ou concebido como viés capitalista e organizacional dos políticos, urbanistas e ou promotores imobiliários. A construção do muro seria uma forma de esconder a degradação do espaço. Uma vez que, a administração de cidade (em várias de suas gestões), não investiu na manutenção da estrutura física, nem nos programas de atendimento ao público, muito menos no esporte em suas múltiplas formas de expressão.

Desde o início do século XXI, são notórios os desafios das cidades e da sociedade em evidenciar a dimensão humana na busca por cidades com espaços sustentáveis, seguros e saudáveis (GEHL, 2013). Os espaços das praças são entendidos em diversas culturas como locais para atividades políticas, sociais, religiosas, contemplativas, ou ainda, para o desenvolvimento de atividades de entretenimento (DE ANGELIS, 2000).

A construção de praças e espaços de lazer permite moldar e modificar hábitos na população, permitindo reflexões sobre a conjuntura social. A Praça de Esportes foi desde a década de 1940, local para população ter acesso a uma área de lazer e práticas esportivas. No início era mantida por verbas privadas e públicas, pois funcionava em conjunto com Montes Claros Tênis Clube que tinham como sócios pessoas da camada abastada da sociedade. Com passar do tempo e principalmente a partir da década de 1960, período no qual, a região norte-mineira foi incluída nas políticas de desenvolvimento da União, a cidade passou por um processo de modernização e urbanização (GOMES, 2007). Tal processo, influenciou na incorporação de novos hábitos na população e na busca de atividades corporais, esportivas e locais para lazer, ocorrendo a inauguração de vários clubes e

associações esportivas na cidade. Sendo assim, a Praça de Esportes ficou sendo frequentada pela classe trabalhadora e de baixa renda. Mantida por verbas públicas, lá haviam escolinhas de iniciação esportivas de: voley, handebol, natação, basquete e karatê. Ainda em seu espaço havia o treinamento de equipes de atletas de todas as categorias, bem como uma diversidade de eventos sociais, shows, barraquinhas, festas religiosas e etc (FREITAS, 2022).

O *Jornal de Montes Claros* (JMC), jornal impresso fundado em 1951, buscava temas que não eram abordados por outros periódicos da cidade até então, como, por exemplo: violência urbana, problemas sociais e falta de infraestrutura, que faziam parte rotina da cidade. As práticas corporais, esportivas e de lazer eram evidenciadas em suas publicações tendo uma página dedicada a essa temática diariamente. Muitas das publicações do JMC deixam transparecer a relevância da Praça de Esportes para o esporte montes-clarense.

Na segunda-feira iniciou-se a formação de atletas de vôlei, handebol, basquete e natação com jovens de oito até 18 anos. Segundo o vice-presidente Jaime Tolentino, os professores Janilson Miranda e Murilo Nonato vêm diariamente com essas escolinhas formando o que se denomina "times do futuro". Os treinos são realizados na quadra do ginásio e na piscina principal. O trabalho consiste em ensinar os fundamentos desses esportes para os jovens formando-os para terem melhor concepção do moderno esporte (O JORNAL DE MONTES CLAROS, 14 de mar.1981, p.5).

A Praça de Esportes era local de eventos sociais e esportivos que envolviam a comunidade da cidade e da região. Outra característica marcante da Praça de Esporte de Montes Claros, era que em seu entorno, havia uma cerca de tela que, sustentava plantas criando uma cerca viva. Tal cerca, permitia que os transeuntes pudessem visualizar a movimentação dentro da Praça evocando uma sensação de pertencimento.

As ações governamentais que visam atender a sociedade com relação a uma determinada demanda são chamadas de políticas públicas setoriais. Construídas historicamente, num processo não linear de lutas sociais, conquista de direitos e mudanças de valores, as políticas sociais representam, hoje, o modo de intervenção estatal no que tange as questões sociais, mais especificamente, aquelas relacionadas à garantia dos direitos sociais (educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, esporte, etc.).

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 217, coloca o esporte como um direito de todos em suas categorias formas e não formais. Ainda no mesmo artigo, a constituição relata e enfatiza a existência de uma justiça administrativa específica para a temática, e completa a explanação sobre o assunto, inserindo o lazer que devendo ser incentivado como forma de promoção social (BRASIL, 1988).

O poder público de Montes Claros, preferiu tornar invisível o problema da falta de investimentos no esporte e lazer, literalmente, construindo um muro que, impede a visão do interior da Praça de Esportes. Onde antes havia uma cerca viva e telas que permitiam a visão dos cidadãos que passavam ao seu redor, hoje existe um muro. Em reportagem, disponível no portal da Prefeitura, a administração justifica a construção do muro e promete a revitalização do local:

A Prefeitura de Montes Claros está revitalizando a Praça de Esportes, local que já foi considerado o “celeiro de atletas” da cidade. A primeira etapa de obras está quase concluída: trata-se da construção de um muro de 480 metros de extensão, no lugar da tela, que sempre era danificada por vândalos, causando prejuízos ao patrimônio público. Posteriormente, as dependências do clube serão reformadas com obras estruturais, visando atender aos anseios de atletas e frequentadores (Portal da Prefeitura de Montes Claros, 24/ 04/2019, grifo nosso).

Os anseios de atletas, treinadores, esportistas e da população a muito tempo não são atendidos, uma vez a estrutura precarizada e a falta de investimento inviabiliza o uso dos espaços da Praça. Desta forma, nem as equipes especializadas da própria cidade podem treinar nas dependências da Praça de Esportes por falta de infraestrutura adequada. Como relatado pela ex-atleta de handebol Maria das Mercês Silva (2021), as atletas do handebol feminino migraram para equipes privadas pela falta de apoio e infraestrutura da Praça de Esportes.

Quando eu passo lá na praça e vejo aquele muro lá, você não vê mais nada ali, chega me dá uma dor no coração. Saber que ali, um lugar central daquele, que permitia a prática esportiva, que foi celeiro de tanta gente, tantos atletas, muita gente foi revelada ali. Suiu tanta gente boa de esporte...infelizmente acabou (SILVA, 2021).

Os sujeitos se ligam ao lugar pela lembrança. Segundo Certeau (2009, p.189) “Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali

escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não”. A Praça proporcionava aos seus frequentadores das mais variadas classes sociais, local de lazer, práticas corporais e esportivas. Hoje a Praça funciona como estacionamento para carros, atende a população na emissão de carteira de meio-passe no transporte urbano e com escolinhas de futebol de campo, futsal, natação e Karatê que resistem apesar das adversidades e do sucateamento do espaço.

A cidade e seus espaços são criados e utilizados a partir do que as pessoas querem. Estando diretamente vinculado ao tipo de pessoas que elas querem ser, ao tipo de relação social que elas buscam, como ao tipo de relação com a natureza que as satisfaz e também com o estilo de vida que elas procuram levar e seus valores estéticos (HARVEY, 2014).

O termo “direito à cidade” foi cunhado pelo filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, em sua obra publicada em 1968 “O Direito à Cidade” (*Le Droit à la Ville*). O autor reflete a problemática urbana a partir da consolidação do modo de produção capitalista e da industrialização, característica da sociedade moderna e motor de suas transformações. No processo de produção do espaço social, Lefebvre propõe uma abordagem do espaço, que abrange a linguística e a fenomenologia, na qual essa produção pode ser dividida em três processos dialeticamente conectadas entre si: “a prática espacial” e o “espaço percebido”; as “representações do espaço” e o “espaço concebido”; os “espaços de representação” e o “espaço vivido”; sendo que esses “momentos têm igual valor e se relacionam entre si por meio de movimentos complexos em que ora um, ora outro, triunfa sobre a negação de um ou de outro” (SCHMID, 2012, p. 96).

Desta forma, o direito à cidade não é apenas um direito de acesso individual ou grupal aos recursos urbanos, mas sim um direito de reinventar a cidade de acordo com os desejos de cada um, sendo um direito mais coletivo que individual, pois reinventar a cidade implica no exercício de um poder coletivo. É a liberdade de “fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades, [...]”, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados” (HARVEY, 2014, p. 28).

O significado de espaço não está restrito ao conjunto de formas materiais e a sua natureza legal, mas abarca ainda uma dimensão subjetiva, na esfera política e sociocultural. “O espaço é para ser entendido em um sentido

ativo como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente” (SCHMID,2012, p.104). Michel de Certeau (2009) coloca que os espaços construídos pelos urbanistas e arquitetos podem ter um nível normal ou normativo para seu uso, porém os desvios acontecem no decorrer do cotidiano onde a prática do lugar é reflexo das ações dos sujeitos sobre o espaço. As práticas dos espaços correspondem a manipulação de uma ordem construída. Nesta perspectiva, a natureza e o significado da experiência da prática de determinado esporte ou prática corporal esta interligada a uma “maneira de fazer” do sujeito sobre o espaço.

Ao pesquisar a cidade e seus espaços, relacionados a uma prática como esporte, nos remete a necessidade de construir e desconstruir significados de acordo com as dinâmicas desenvolvidas pela experiência do sujeito que constrói e utiliza o espaço. Ao pensar a cidade, como um objeto de pesquisa em sua universalidade e, ao mesmo tempo epistemológica e política. A cidade é feita, essencialmente de movimentos construção e desconstrução, a partir das demandas de diferentes marcadores sociais (ARGIE, 2011).

Neste sentido, David Harvey (2011, p.42) coloca que “tudo depende de quem lhe conferirá sentido”. Em um artigo intitulado: “Produção dos espaços urbanos por homens ordinários” de Urpi Montoya Uriarte (2014), a autora discorre sobre o conceito de “antropologia dos espaços urbanos”. Inscrita mais precisamente na área da Antropologia Urbana Marxista, esta busca entender a forma como habitantes e usuários, ou seja, pessoas comuns que vivem nos espaços urbanos usam e fazem a cidade, em contraste e embate aos espaços totalizantes e imperativos produzidos pelo capitalismo.

Existem divergências de opiniões entre a utilização e ocupação do espaço da Praça de Esportes de Montes Claros. “Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (PARK, 1925, p. 1). No entanto, um questionamento persiste, a construção do muro entorno da Praça de Esporte, alterou a perspectiva dos cidadãos em relação a existência de práticas esportivas? A finalidade primeira do espaço da Praça de Esportes de Montes Claros era a disseminação das práticas esportivas, porém, a população

deu outras funções e significados ao longo do tempo. Para os cidadãos houve um apagamento, uma inviabilização das práticas esportivas por falta de investimento. A construção do muro acarretou em uma invisibilização não só das práticas esportivas, mas da própria Praça, alterando a relação de pertencimento, de acolhimento que em outrora era sentida pela população montes-clarense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição do esporte moderno é um reflexo das manifestações políticas, sociais e culturais, ao tornar-se um capital, um indicador de pertencimento a uma classe (HOBBSAWM, 1982; 1984). O conceito, ou melhor, uma possível definição de esporte, está intimamente ligada ao contexto social, econômico, cultural e geográfico, pois reflete significados, tradições e costumes de uma determinada população (TUBINO, 1992; VARGAS, 1995). Os hábitos de lazer e esportivos da população montes-clarense, foram sendo modificados e influenciados pelo contexto social e políticos.

Ao partir destes pressupostos, é necessário entender o esporte como fenômeno cultural, social e político; ou seja, um campo fértil para a busca por respostas quanto às relações dos sujeitos com os espaços, bem como sua utilização, ocupação, manutenção, apropriação e produção. Isto, em especial, na luta por espaços de práticas esportivas e corporais, diante de um contexto no qual o esporte apresenta-se como um direito que deve ser proporcionado pelo Estado, mediante políticas públicas de acesso e manutenção para promoção e inserção social.

Neste sentido, nossa pretensão foi refletir a cerca de certa inquietação sobre a invisibilização das práticas esportivas na Praça de Esporte de Montes Claros- MG. Entendemos o esporte e as práticas corporais para além da esportivização e espetacularização, mas como instrumento para modificação do uso e apropriação da cidade. Na perspectiva dos cidadãos, a Praça de Esportes de Montes Claros diminuiu, significativamente, sua relevância de outrora, quanto a prática esportiva, formação de atletas e na disponibilidade do uso do espaço para atividades voltadas a população montes-clarense. Existe um sentimento de carinho, de acolhimento, de pertencimento entre a população e a Praça de Esportes, sendo necessário investimentos e a modernização deste espaço.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSK, Carla Bassanezi(org). Fontes Históricas. 2 ed 1 impressão, São Paulo: Contexto, 2008.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome. 2011. 213p.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. **“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”: práticas modernas de divertimento em Montes Claros – MG (1926-1957)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. p.267, 2018.

ATENAS. Entrevistadora: Andréia Luciana Ribeiros de Freitas. 02/08/2021, Montes Claros –MG, entrevista gravada via Whats app, concedida ao CEMESP-UNIMONTES, duração 31 minutos e 28 segundos, 2021.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil: edição administrativa**. Brasília, Senado Federal, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998. 78p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Editora Vozes, 16º ed, 2009. 176p.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues. **A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá-PR**. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

DURÃES, Geraldo Magela. **O Associativismo Desportivo no Estado de Minas Gerais: Estudo das “Praças de Esportes” com ênfase na criação do Montes Claros Tênis Clube**. Tese (Doutorado) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Orientador: Prof. Dr. António José Serôdio Fernandes, 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca de excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Lisboa: Difel, 1992. 624p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24 ed. Tradução: Laura Franca de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 2014. 40p.

FREITAS, Manoel; Jr. Castro. **População expulsa da Praça de Esporte: Sequência de decisões sem consulta a população causa revolta em Montes Claros**. O Norte, edição on line, 24/08/2018. Disponível em : <https://onorte.net/montesclaros/populac-o-expulsa-da-praca-de-esportes-1.650053>. Acesso em 15 jan 2023.

FREITAS, Andréia Luciana Ribeiro de. **Mulheres, “sexo fraco ... Pois sim!” : práticas esportivas em Montes Claros/MG (1979 a 1986)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em História/PPGH, 2022. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/mulheres-sexo-fraco-pois-sim-praticas-esportivas-em-montes-claros-mg-1979-a-1986/>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2º ed, 2013. 276p.

GOMES, Fernanda Silva. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais**. - 2007 181f. : il. Orientador: Roberto Luís de Melo Monte-Mor Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/RAAO-7BMQ8A/1/fernanda_gomes.pdf. Acesso: 22 de março de 2021.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. **Retrato da Praça de Esportes**. 2008. Disponível em: <http://www.mocmg.com.br/mural/default.asp?top=37552>. Acesso em: 22 março de 2021.

HARVEY, David. **Le capitalisme contre le droit à la ville. Néolibéralisme, urbanisation, résistances**. Paris: Éditions, 2011. 93p.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 150p.

HOBBSAWM, Eric. **Aerodocapital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. 518p.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984. 392p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 72p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias**. São Paulo: Contexto, 2011. 198p.

O JORNAL DE MONTES CLAROS, 14 de mar.1981, p.5.

PARK, Robert E. **The city: suggestions for investigation of human behavior in the urban environment**. Chicago: *University of Chicago Press*, 1925.

PAULA, Hermes Augustos de. **Montes Claros: sua história sua gente seus costumes**. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1957. 657p.

PREFEITURA MONTES CLAROS. Portal da Prefeitura de Montes Claros. Texto de Pedro Neto. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/noticia/esportes/prefeitura-revitaliza-praca-de-esportes>. Acesso em 15 jan 2023.

SCHMID, Chistian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. Trad. MARQUES, M.; BARRETO, M. In: *Geosp – Espaço e Tempo*. São Paulo, N. 32, p. 89 -109, 2012.

SILVA, Daniela Teles da. Eugenia, Saúde e Trabalho durante a Era Vargas. **Em tempos de História**. (PPGHIS/UnB) N°. 33, Brasília, Agosto/Dezembro, p.190-213, 2018.

SILVA, Maria das Mercês da. Entrevistadora: Andréia Luciana Ribeiros de Freitas. 05/08/2021, Montes Claros –MG, entrevista gravada via Google Meet, concedida ao CEMESP- UNIMONTES, duração 24 minutos e 51 segundos, 2021.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992. 96p.

URIARTE, Urpi Montoya. Produção do espaço urbano pelos homens ordinários: antropologia de dois micro-espacos na cidade de Salvador. *Revista Iluminuras*, [S.l.], v.15, n.36, p.115-134, ago./dez. ISSN 1984-1191. 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/52637/32585>>. Acesso em: 04

Agosto de 2022.

VARGAS, Ângela L.de Souza. **Desporto fenômeno social**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. 24p.